

267

Emenda foi manobra pró-Genebaldo

Nos bastidores da votação do aumento salarial dos deputados, pesou mais a disputa pela liderança do PMDB, em 1992, do que o interesse por um contracheque mais generoso no final deste mês. De acordo com um pemedebista que acompanhou em silêncio a movimentação de seu líder, Genebaldo Correia (BA), a radicalização do grupo que apóia a permanência do baiano no posto, contra os petistas em plenário, foi uma jogada política. Na verdade, a apresentação de uma emenda que tornou facultativo o recebimento do reajuste foi a oportunidade que os partidários de Genebaldo encontraram para reaglutinar o PMDB em torno de uma liderança enfraquecida por acusações de tráfico de influência na comissão de orçamento, no exato instante em que surgia, com alguma força, a candidatura do deputado Odacyr Klein (RS) para substituir Genebaldo no ano que vem.

“Foi a reeleição que levou o grupo

ligado ao líder a apresentar a emenda ao projeto salarial, tornando facultativo o recebimento do reajuste”, analisa o deputado, para quem a jogada política foi bem sucedida. “Agora pegamos estes moralistas f.d.p.”, comemorava exaltado, em plenário, o deputado Gedel Vieira Lima (PMDB-BA), que gastou boa parte das três horas de sessão com provocações aos petistas. Mais moderado, o deputado Ubiratan Aguiar (PMDB-CE) limitava-se a elogiar a atuação do líder e a defender a emenda que poria fim à demagogia em torno da questão salarial. “Armamos uma arapuca para eles”, resumia Ubiratan, enquanto o presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), dava-se por vencido na luta contra a apresentação da emenda e o líder do PFL, Ricardo Fiúza (PE), fazia o último apelo a Genebaldo para retirar a proposta.

“Esta emenda vai abrir um processo de retaliação”, ponderou Fiúza a Genebaldo. Indiferente às consequências poli-

ticas que o arrefecimento dos ânimos já indicava, Genebaldo não cedeu: “Tenho a decisão da minha bancada, que me obriga a sustentar a emenda. Se o PT quer constranger o PMDB, eu quero constranger o PT”, encerrou o líder.

Ferida — Mais do que expor a instituição — enquanto os deputados trocavam insultos durante a sessão, o prêmio Nobel da Paz, Adolfo Peres Esquivel, aguardava do lado de fora do plenário uma homenagem solene que afinal não aconteceu — a votação dos salários deixa sequelas que vão se arrastar ao longo de toda esta legislatura. “Melou a relação entre os partidos. Vai ser difícil negociar em clima de chantagem e essa guerra vai se repetir todos os meses”, prevê o líder do PT, José Genoíno (SP). Ele acredita que os 39 deputados que votaram contra o aumento serão perseguidos mensalmente, numa investigação para saber se eles devolveram ou não a diferença do aumento.